

SABERES, SONS, AROMAS, SABORES, HISTÓRIAS, CORES, RESISTÊNCIA: AS CONTRIBUIÇÕES DO CANDOMBLÉ PARA OS CURSOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES.¹

Belijane Marques Feitosa

Graduada em Pedagogia (UFPB), Mestre em Educação (UFPB), professora da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG/CFP/UAE).

Abraão Vitoriano de Sousa

Graduado em Pedagogia (ISEC) e em Letras (UFCG), Mestre em Ciências da Educação (UTIC), professor da Faculdade São Francisco da Paraíba (FASP/ISEC).

Universidade Federal de Campina Grande

belimare.pb@gmail.com

abraaovitoriano@hotmail.com

RESUMO: O objetivo deste trabalho é apresentar elementos que possam identificar os terreiros de Candomblé como espaços educativos e de discussão das relações étnico-raciais. O trabalho se desenvolveu com a disciplina “Educação etnicorracial e diversidade” nos cursos de Pedagogia e Ciências Biológicas da UFCG/CFP. Foi visitado o Ilê Axé Runtó Rumbôci, terreiro de Candomblé situado em Cajazeiras/PB. Observamos a importância e o significado desta atividade, na perspectiva de construir uma outra representação sobre o Candomblé enquanto religião, o que pode vir a contribuir na construção e formação de identidades e de representações e sentidos que perpassam o comportamento dos indivíduos. Assim, esperamos contribuir para com a construção de respeito à diversidade de crenças, e de convivência com o diferente, preservando a história dos nossos ancestrais, minimizando preconceitos e destacando o modo de ser e fazer no Candomblé através dos seus ritos, cantigas, preceitos, celebrações, dialetos.

Palavras-chave: Candomblé. Relações étnico-raciais. Educação. Formação docente.

1. INTRODUÇÃO

Discutir as relações étnico-raciais na escola configura-se um importante caminho para desmitificar concepções, ora preconceituosas, ora reducionistas a respeito das religiões de matriz africana no Brasil.

A escola, neste cenário, ocupa um papel privilegiado na formação dos seus alunos enquanto sujeitos críticos e participativos capazes de conhecer as diferenças culturais e nelas encontrar um espaço fecundo de saberes e diálogos. Libâneo (2015) contextualiza essa escola para novos tempos destacando, entre os objetivos propostos, a necessidade de desenvolver a formação para valores

¹ Trabalho curricular desenvolvido na disciplina Educação Étnico-racial e Diversidade oferecida nos cursos de Licenciatura do Centro de Formação de Professores/UFCG, pela Unidade Acadêmica de Educação.

éticos, defendendo uma educação multicultural, a qual propõe que a escola possa refletir os interesses e necessidades dos mais variados grupos presentes no espaço educacional.

Partindo dessa concepção, consideramos oportuno suscitar essa discussão nos cursos de Pedagogia e Ciências Biológicas da UFCG, segundo a disciplina “Educação etnicorracial e diversidade”; uma vez que tratam-se de cursos de formação de professores.

2. EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTICO-RACIAIS

A Lei nº 10.639, de Janeiro de 2003, instituiu a obrigatoriedade do ensino de História da África e da Cultura Afro-Brasileira. Em 2004, o Conselho Nacional de Educação autorizou o parecer que propõe as Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História da África e da Cultura Afro-Brasileira.

Dois acontecimentos marcantes, os quais apontam políticas de ações afirmativas de reconhecimento e valorização dos povos de matizes africanas e afro-brasileiras: sua cultura, sua história, sua identidade. Portanto, “propõe a divulgação e produção de conhecimentos, a formação de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos orgulhosos de seu pertencimento étnico-racial (...) para interagirem na construção de uma nação democrática”.

Tais parâmetros versam de encontro ao trato pedagógico da questão racial no cotidiano escolar, segundo Rocha (2006) e Trindade (2006), o qual deve ancorar: a) A questão racial como conteúdo multidisciplinar durante o ano letivo; b) Reconhecer e valorizar as contribuições do povo negro; c) Abordar as situações de diversidade étnico-racial e a vida cotidiana nas salas de aula; d) Combater as posturas etnocêntricas para a desconstrução de estereótipos e preconceitos atribuídos ao grupo negro; e) Incorporar como conteúdo do currículo escolar a história e a cultura do povo negro; f) Recusar o uso de material pedagógico contendo imagens estereotipadas do negro, como postura pedagógica voltada à desconstrução de atitudes preconceituosas e discriminatórias e g) Construir coletivamente alternativas pedagógicas como suporte de recursos didáticos adequados.

Mediante tais apontamentos, a educação, além de um direito social, apreende um processo de desenvolvimento humano na perspectiva de formação cultural e cidadã. A escola deve promover a construção de uma consciência crítica entre seus sujeitos, os quais precisam aprender a importância do respeito às diferenças étnico-raciais e, alicerçados nesta dimensão, contribuirão para uma sociedade mais justa, contra o racismo e em favor da diversidade cultural e religiosa.

3. RELATOS DE EXPERIÊNCIA: O TERREIRO DE CANDOMBLÉ

Para a realização da visita dos graduandos de Pedagogia e Ciências Biológicas da UFCG ao Terreiro de Candomblé Ilê Axé Runtó Rumboci, contextualizamos, a priori, a sugestão de atividade como parte integrante da disciplina “Educação etnicorracial e diversidade”.

Torna-se oportuno sublinhar as considerações das Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais (2006) no que concerne às licenciaturas. No campo das IES (Instituições de Educação Superior), orienta-se para todos os envolvidos diretamente no processo educativo: elaborar uma pedagogia anti-racista e antidiscriminatória; responsabilizar-se pela elaboração, execução e avaliação dos cursos e programas que oferece articulados à temática; capacitar os profissionais da educação para construir novas relações étnico-raciais; capacitar profissionais da educação a incluírem a História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nos currículos escolares; construir, identificar e publicar material didático e biográfico sobre as questões relativas aos objetivos anteriores e incluir competências apontadas nos instrumentos de avaliação institucional (docente e discente) e articulá-las à pesquisa e extensão das IES.

Alicerçando-se nesta linha de pensamento, nosso trabalho parte de uma pesquisa qualitativa, a qual utilizou-se da observação e elaboração de um relatório pelos estudantes e, posteriormente, a apresentação e discussão desses resultados. Por questões estruturais, a fim de declarar os relatos dos estudantes, os consideraremos de acordo com numerações: Aluno 1, Aluno 2, Aluno 3 e Aluno 4.

O Aluno 1 sublinha sua primeira experiência ao adentrar o terreiro:

Ao chegar no lugar, fomos recepcionados por uma pessoa que faz parte da citada religião há 5 anos. Inicialmente, deram-nos as boas vindas, com muita cordialidade, muita educação, coisas imprescindíveis ao ser humano independentemente de qual for a religião. Em seguida fomos apresentados ao ambiente: a casa se chama *Ilê Axé Runtó Rumboci* que significa respectivamente “casa de força do poço que nunca seca”. Ao adentrarmos o portão são perceptíveis muitas plantas; cada uma com seu significado de acordo com o candomblé.

O Aluno 3, por sua vez, relata que passou maior parte do tempo no salão e caracteriza detalhes deste instante:

O salão é caracterizado principalmente pelos objetos e adereços que está intimamente fazendo parte da vida de cada um dos membros da casa: no centro contém um pilão com algumas oferendas destinado ao culto dos orixás; de um lado um conjunto de atabaques; também bastante significativo na religião que marca o ritmo da dança durante os ritos e animam as festas.

O Aluno 2 releva que foi recebido e tratado de modo respeitoso, bem como reproduz os espaços os quais chegou a conhecer:

Nos sentimos muito a vontade para fazemos perguntas e todas foram respondidas como, por exemplo, a diferença entre candomblé e umbanda, conceitos de divindade e entidade, atividades sem fins lucrativos como o ensino do idioma, da cultura e da dança. Este último aberto ao público.

O Aluno 4 desconstrói algumas visões equivocadamente difundidas sobre as religiões de matizes africanas:

A visita ao terreiro de candomblé possibilitou-me conhecer para crer. Em nenhum momento vi ou senti “forças sobrenaturais” (como algumas pessoas dizem) tomando conta de meu corpo. Em nenhum momento vi “imagens demoníacas”. Em nenhum momento vi sangue derramado, cabeças de bode, galinhas pretas ou qualquer tipo de animal depositadas no “altar”. Em nenhum momento fui obrigada a beber qualquer bebida.

De maneira similar, o Aluno 2 também corrobora:

[...] vi pessoas como quaisquer outras, que fazem uma opção na vida e que vivem a religião do candomblé em toda a sua plenitude, principalmente no modo de se vestir; as mulheres com saias rodadas; no pescoço com suas guias e que sente muito orgulho de serem “filhos da casa”. Da mesma forma que qualquer católico (a) com o escapulário pendurado no pescoço, que sente orgulho de participar todos os domingos da missa ou um protestante que profere a palavra do senhor.

A leitura deturpada dos rituais do candomblé repercute em muitas injustiças. Entender que o terreiro corresponde a um espaço de celebração espiritual como qualquer outro, ou melhor: com suas peculiaridades que não o anulam como um espaço de representação cultural de um povo, com suas crenças, costumes e cultos.

O Aluno 3, no tocante ao tema supracitado, tece suas considerações:

Tal experiência foi muito significativa para mim. A disciplina em si, aliada a visita ao terreiro, me ajudou profundamente a desmistificar concepções que tinha sobre a cultura/religiosidade africana. Contribuindo substancialmente ao enaltecimento do respeito pela religião do candomblé e como qualquer outra.

Na compreensão de valorizar as religiões africanas e afro-brasileiras, Eliane Cavalleiro (2006) enuncia:

Nas formas individuais e coletivas, em senzalas, quilombos, terreiros, irmandades, a identidade do povo negro foi assegurada como patrimônio da educação dos afro-brasileiros. Apesar das precárias condições de sobrevivência que a população negra enfrentou e ainda enfrenta, a relação com a ancestralidade africana e com os valores nela representados,

assim como a reprodução de um senso de coletividade, por exemplo, possibilitaram a dinamicidade da cultura e do processo de resistência das diversas comunidades afro-brasileiras.

De fato, os terreiros de candomblé persistem como locais de consolidação da memória. Mostrar aos alunos, futuros professores, a importância do candomblé como tempo e espaço de ensinar e aprender a diversidade cultural - seja através de uma visita a um lugar de cerimônias, seja através da arte, seja através da literatura, seja através das histórias dos Orixás, das comidas que são oferecidas aos Orixás, das cantigas que reverenciam os Orixás, configura uma forma de enfrentamento a uma sociedade dominada implícita e explicitamente pelo racismo e fobia às minorias e diferenças.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estamos apenas engatinhando no que diz respeito a uma formação docente que caminhe no sentido de levar os futuros (as) professores (as) a compreender a importância do respeito às diferenças, sejam elas quais forem.

O candomblé com seus rituais, seus mitos, comidas, símbolos e linguagem sagrada tem sua tradição mantida no cotidiano dos terreiros. Que as religiões afro-brasileiras de matrizes africanas possam vir a se tornar um ambiente onde através de sua tradição possam contribuir para com, dentre outras coisas, a implementação da Lei 10.639/2003, mostrando que os Terreiros são espaços educativos sim, que em muito podem contribuir para a construção de uma representação em nossos (as) alunos (as), futuros (as) docentes da valorização das mais variadas maneiras de se mediar a construção do conhecimento.

No momento atual em que vivemos tantos casos de intolerância religiosa, esperamos que esse estudo possa começar a provocar reflexões na perspectiva de construção de espaços dentro dos cursos de Pedagogia e demais licenciaturas que dêem destaque à diversidade da cultura afro-brasileira existente em nosso País, no sentido de traçar caminhos na formação docente que oportunizem a constituição e o respeito a identidades e crenças diferenciadas, propondo outros olhares acerca das tradições, histórias e tudo o mais que estiver relacionado à nossa ancestralidade, à nossa herança de África.

6. REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei 9394/96. - Disponível em: www.planalto.gov.br. Acesso em: 15 de Abril de 2016.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

_____. Ministério da Educação. **Lei nº 10.639, de 09 de Janeiro de 2003**. - Disponível em: www.planalto.gov.br. Acesso em: 15 de Abril de 2016.

_____. Conselho Nacional de Educação. **Conselho Pleno**. Parecer CNE/CP 3/2004. Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. - Disponível em: www.mec.gov.br/cne. Acesso em: 15 de Abril de 2016.

CAVALLEIRO, Eliane. Introdução. In: BRASIL. Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Brasília: SECAD, 2006. p. 13 – 26.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola** – Teoria e Prática. São Paulo: Heccus, 2013.
ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho; TRINDADE, Azoilda Loretto. **Ensino Fundamental**. In: Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Brasília: SECAD, 2006. p. 69 – 75.

SANTOS, Milton Silva dos. Afinal, o que são religiões afro-brasileiras? In: FELINTO, Renata (Org.). **Culturas africanas e afro-brasileiras em sala de aula: saberes para os professores, fazeres para os alunos: religiosidade, musicalidade, identidade e artes visuais**. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2012. p. 11 – 21.